

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Departamento de Filosofia – FAFICH

**RUSSELL E AS PROPOSIÇÕES NEGATIVAS:
ESTABELECIDO RELACIONES COM A PROGRAMAÇÃO
NEUROLINGÜÍSTICA**

Rejane Helena Carvalho Lage Neves

Belo Horizonte
Abril/2011

REJANE HELENA CARVALHO LAGE NEVES

**RUSSELL E AS PROPOSIÇÕES NEGATIVAS:
ESTABELECENDO RELAÇÕES COM A PROGRAMAÇÃO
NEUROLINGÜÍSTICA**

Trabalho de conclusão do curso de Especialização em Temas Filosóficos – CETEF realizado pelo Departamento de Filosofia – FAFICH/UFMG e apresentado como pré-requisito para obtenção do título de Especialista em Temas Filosóficos.

Professor orientador: Abílio Azambuja

BELO HORIZONTE
Abril/ 2011

REJANE HELENA CARVALHO LAGE NEVES

**RUSSELL E AS PROPOSIÇÕES NEGATIVAS:
ESTABELECENDO RELAÇÕES COM A PROGRAMAÇÃO
NEUROLINGÜÍSTICA**

Trabalho de conclusão do curso de Especialização em Temas Filosóficos – CETEF realizado pelo Departamento de Filosofia – FAFICH/UFMG e apresentado como pré-requisito para obtenção do título de Especialista em Temas Filosóficos.

Professor orientador: Abílio Azambuja

Aprovado em: 05 de abril de 2011.

Banca Examinadora:

Abílio Azambuja
Prof. Dr. da faculdade de Filosofia da UFMG

Túlio Lopes Aguiar
Prof. Dr. da Faculdade de Filosofia da UFMG

BELO HORIZONTE
Abril/ 2011

RESUMO

O presente trabalho apresenta um breve estudo da filosofia de Russell referente às proposições e fatos negativos buscando estabelecer relação conceitual entre essa filosofia e as teorias da Programação Neurolinguística – PNL – acerca dos comandos negativos. A autora faz uma breve apresentação do filósofo e sua teoria, depois apresenta os fundadores da PNL e suas teses acerca das sentenças negativas. Em seguida estabelece os pontos em comum entre as duas postulações apresentando onde os conceitos de uma se relacionam com os conceitos de outra. Um trabalho simples que propõe uma interdisciplinaridade que muito pode acrescentar aos estudos da linguagem.

Palavras-chave: fatos negativos; proposições negativas; linguagem; neurolinguística.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	4
2. Proposições negativas segundo Russel.....	6
3. O uso do “não” na perspectiva da Programação Neurolinguística – PNL.....	9
4. Como a Neurolinguística pode estabelecer relação com o que Russell apresenta acerca de fatos negativos.....	12
5. Considerações finais.....	15
6. Referências.....	15

1 INTRODUÇÃO

Sobre o que e com o que? São as duas primeiras perguntas feitas quando se quer saber sobre a formação e a evolução de uma escrita, pois os signos dependem tanto da civilização que os forja quanto dos instrumentos que os traçam e do material que lhes serve. (A INFLUÊNCIA DA TÉCNICA, In: A Escrita memória dos Homens, p. 130, 2008)

Toda forma de linguagem exerce um papel fundamental na existência de todas as espécies animais que buscam suas comunicações nas mais diversas situações. Para o animal humano ela tem um poder mais abrangente o que levou, e ainda leva, ao desenvolvimento dos métodos de linguagem.

A linguagem escrita é de fundamental importância para a humanidade e, em todo o tempo, o homem que escreve reinou soberano nas civilizações, pois para registrar os momentos históricos a necessidade da escrita se fez lei. Atualmente, bem mais popularizada, a linguagem escrita traz muitas especificidades que a torna um instrumento que exige habilidade de uso. Suas peculiaridades despertam pesquisas acerca de seu funcionamento e sua aplicabilidade, ou seja, funções da linguagem.

Em todas as áreas do conhecimento o domínio da linguagem escrita proporciona mais competência acerca do tema estudado. O mundo sensível e psíquico são conhecidos e vistos de diversas maneiras sendo que uma delas é por meio da linguagem escrita. A importância de se saber comunicar utilizando-se da linguagem escrita tornou-se um grande desafio para o conhecimento humano surgindo vários campos de estudo sobre a linguagem e suas manifestações.

A filosofia, ou melhor, a lógica moderna (sec. XX) é um dos campos do conhecimento que apresenta análise da linguagem que, como uma filosofia analítica, ocupa um lugar central nesse século. Neste trabalho, o foco será a análise da linguagem científica apresentada por Russell. O filósofo dialoga, principalmente, com as conjecturas apresentadas por Frege, um importante filósofo da linguagem que diz que a esta nos engana, de quem Russell discorda em várias observações acerca da linguagem científica. A filosofia lógica busca principalmente apontar falhas da linguagem natural,

não podendo esta ser aplicada à linguagem das ciências exatas. Alguns estudiosos dessa filosofia buscam eliminar as ambiguidades que a linguagem natural possibilita, para que no conhecimento científico não acarrete dúvidas acerca das conjecturas científicas apresentadas. É sabido que a linguagem escrita não consegue representar todas as nuances do pensamento, por isso o empenho em prescrever uma maneira de se obter uma linguagem científica.

Outro campo que analisa e depende fortemente da linguagem, escrita e oral, é a Psicologia. Ações e comportamentos são reconhecidos através da linguagem de um povo, de uma comunidade e de um indivíduo. Uma análise bem afinada pode favorecer muito o desenvolvimento comportamental em uma sociedade. Nesse campo de conhecimento, a linguagem investigada é preferivelmente a linguagem natural, pois seu caráter espontâneo revela mais da personalidade a ser investigada. Já a linguagem científica é elaborada, retórica, o que esconde o caráter ingênuo e inato de quem a expressa. As implicações psicológicas da linguagem sobre o comportamento humano é outro tópico que será abordado neste trabalho. Sua elaboração positiva, conforme propõe a Neurolinguística pode favorecer uma mudança de comportamento positiva favorecendo a evolução social, cultural, econômica e psicológica da humanidade.

Embora tenham objetivos bem diferentes, uma visando à linguagem elaborada e bem definida para se fazer conhecimento científico e outra visando à linguagem espontânea para conhecer o perfil psicológico e comportamental dos indivíduos, esta também reconhece a importância de saber elaborar a linguagem para obter benefícios. Nessa convergência esta pesquisa – prefiro chamar de ensaio – tenta estabelecer uma relação entre a proposta filosófica de Russell e a teoria da Programação Neurolinguística.

Na próxima seção será apresentada a discussão de Russell acerca das proposições negativas e no capítulo três a teoria Neurolinguística sobre o uso do “não”. É sobre esse tema do negativo na linguagem que a autora busca uma possível relação entre as duas áreas do conhecimento que será apresentada na seção quatro. Para finalizar é importante um relato da conclusão sobre todo o discurso estabelecido no decorrer do ensaio. A principal constatação é acerca da importância da linguagem e como esta pode interferir no comportamento social e psíquico de um povo.

O embasamento teórico para discussão dos assuntos propostos é a obra do filósofo Russel, *A filosofia do atomismo lógico* e artigos científicos de Neurolinguistas reconhecidos no Brasil que partem da obra do fundador da Neurolinguística, o matemático Richard Bandler. Observemos que, de início já temos um ponto de convergência, pois o fundador da Neurolinguística é um matemático, ou seja, um estudioso das ciências exatas que é o objeto principal de estudo da filosofia de Russell que também foi um matemático. Vamos ao que interessa: a apresentação das teorias citadas.

2 PROPOSIÇÕES NEGATIVAS SEGUNDO RUSSEL

Por que repetir erros antigos, se há tantos erros novos a escolher?

RUSSELL

Bertrand Russell (1872 – 1970), matemático e filósofo inglês, se propôs a formular uma teoria da verdade empírica, ganhou reputação como um dos maiores lógicos do século 20 e um dos fundadores da filosofia analítica. Pessoa de grande importância para a filosofia contemporânea foi quem iniciou a filosofia da linguagem. O ponto principal de discussão sobre a filosofia da linguagem na perspectiva desse filósofo é que as sentenças denotam fatos que existem no mundo e estes são entidades extralinguísticas. Em função disso, existem proposições falsas ou verdadeiras.

Russell diz que o fato não é a própria linguagem – objeto linguístico – e sim o objeto propriamente dito que é representado pela linguagem. Dessa forma, os fatos são concebidos como combinações entre indivíduos e propriedades. Ele afirma que “[...] o mundo contém fatos, que são o que são, não importando o que decidimos pensar acerca deles [...]” (RUSSELL, p.56). Nessa perspectiva o significado de uma sentença é o fato, ou seja, as sentenças devem apontar para os fatos do mundo. Por proposição o filósofo entende uma sentença inteira, não apenas um nome simples e isolado, que representa um fato. Pensemos então em fato como uma ocorrência no mundo objetivo. O pensamento não influencia nos fatos, eles são o que são independente de pensarmos neles. Há uma

divisão entre fatos particulares e fatos gerais, mas o que nos interessa neste estudo é a distinção feita por Russell entre fatos positivos e fatos negativos.

Na posição assumida pelo filósofo em questão, os fatos negativos são pouco intuitivos uma vez que encontramos no mundo com coisas positivas. Não encontramos, por exemplo, um não verão ou um não gordo. É esse o ponto que tornará possível a relação com a concepção Neurolinguística da comunicação. Russell assume uma postura que vê a verdade como correspondência, ou seja, o isomorfismo entre a estrutura da linguagem e a estrutura da realidade. Dessa forma, o que a linguagem propõe deve ter correspondência direta na realidade, então, a significação de uma sentença é um fato que corresponde diretamente a ela.

Sem dúvida é um pensamento limitador que será criticado por outros tantos filósofos, porém, o recorte feito para discutirmos neste ensaio será acerca dos fatos negativos que em certa medida o que o filósofo discute tem uma explicação lógica. Vejamos:

Existe um ponto especial que deve entrar em relação com este, trata-se da questão: existem fatos negativos? Existem fatos tais como os que poderíamos chamar o fato de que Sócrates não está vivo? [...] Temos um sentimento de que existem apenas fatos positivos, e de que as proposições negativas devem de um outro modo ser expressões de fatos positivos. (RUSSELL, p.80)

A questão proposta acerca de fatos negativos se apresentou mais como um questionamento do filósofo do que uma constatação ou conclusão. Ele menciona nesse mesmo parágrafo acima descrito, que está propenso a acreditar que existem proposições negativas, pois ele mesmo, em suas teorias, afirma que para cada fato existem duas proposições correspondentes – “Sócrates está vivo”, existe correspondendo a esta proposição no mundo real o fato de que Sócrates não está vivo.

O autor não aprofunda muito nessa questão dos fatos negativos, mas refere-se a um homem de nome Demos que após assistir à sua conferência em Harvard escrevera um artigo em *Mind* explicando por que não existem fatos negativos. Tal fato, para Russell, teve importância, mas este não levou o estudo adiante.

Russell concorda com Demos quando este diz que “uma proposição negativa não depende de modo algum de um sujeito cognitivo para sua definição” e que “ não se deve

tomar uma proposição negativa em seu valor aparente”. (RUSSELL, p.81). Mas Russell, em *Lições Sobre o Atomismo Lógico* defende que uma coisa é a questão lógica sobre a existência de proposições negativas e outra coisa é a questão metafísica sobre a existência ou não de fatos negativos. Ainda que Russell defenda uma possível existência de proposições negativas, disso não se segue que existam fatos negativos. (MACHADO *apud* DEMOS, p.1-2)

O que Raphael Demos (1917) havia proposto para analisar proposições negativas foi que por meio de uma proposição negativa ‘ $\sim p$ ’ asserimos que há alguma outra proposição positiva ‘ q ’, que pode ser desconhecida e que é incompatível com ‘ p ’. Nesse aspecto o papel da negação consiste em tornar possível asserir uma proposição positiva.

Russell acredita que um fato negativo é a existência de um estado de coisas negativo então, ‘ p ’ e ‘ $\sim p$ ’ representam estados de coisas diferentes. Durante a análise dos fatos negativos ou positivos o que estava em pauta era a veracidade das proposições, e nesse aspecto se é verdade que ‘ p ’ então ‘ $\sim p$ ’ é incompatível ou falsa. Uma discussão complexa, pois o fato de que Sócrates não está vivo é verdadeiro, ou seja, o fato representado por essa proposição é verdadeiro, há correspondência e sugere a existência de uma proposição positiva do tipo: Sócrates está morto. Esta representa o mesmo fato representado por aquela. Mas quando a proposição é pontual, como pro exemplo: Maria está usando uma camisa verde, a negação Maria não está usando uma camisa verde ou Maria está usando uma camisa não verde o fato a que estas proposições negativas representam não encontra algo no mundo para onde podemos apontar. Cria-se aqui um problema de vagueza da linguagem que a lógica busca eliminar.

O discurso até aqui apresentado será suficiente para tratarmos do ponto de convergência com a Neurolinguística, por isso vamos encerrar a discussão do ponto de vista lógico de Russell e passemos a apresentação de um posicionamento mais psicológico.

2 O USO DO “NÃO” NA PERSPECTIVA DA PROGRAMAÇÃO NEUROLINGUÍSTICA – PNL

Os seres humanos têm uma incrível capacidade de aprender. Estou convencido, e vou convencê-lo – de uma maneira ou de outra – de que você ainda é uma máquina de aprender novas coisas. O lado positivo dessa estória é que você é capaz de aprender de maneira incrível e rápida. O lado negativo é que você pode aprender tanto coisas úteis quanto inúteis.

Richard Bandler

A Programação Neurolinguística surgiu no início dos anos 70 cujos criadores são o americano Richard Wayne Bandler (1950), então estudante de matemática fortemente interessado por física, programação de sistemas e linguagem computacional (atualmente doutor em matemática e em psicologia, cibernético), e seu companheiro John Grinder, professor doutor em linguística transformacional da Universidade da Califórnia. Grinder (1939) supervisionou o trabalho proposto por Richard, que na época cursava psicologia, cujo propósito era determinar os padrões linguísticos que geravam as mudanças.

Após diversas experiências e observações com um vasto grupo de profissionais ligados à psicologia, Bandler foi mais além do que simplesmente determinar padrões linguísticos e reproduzir as habilidades dos outros, ele demonstrou a possibilidade de imaginar um modelo matemático do comportamento humano. (GOLFINHO, *Home Page*)

O interesse psicolinguístico dessa parceria era revelar a gramática oculta do pensamento em ação. A influência da linguagem no comportamento humano e na construção de valores e juízos. Nesse momento a linguagem observada é a subjetiva e espontânea que ao ser direcionada ou “matematizada” pode operar mudanças comportamentais e estruturais. Os profissionais decidiram então combinar os respectivos conhecimentos, computação e linguística, juntamente com a habilidade para copiar comportamentos não verbais com o objetivo de produzir uma “linguagem de mudança”. O objeto de estudo é, portanto, a linguagem estrutural da experiência subjetiva. (POSSIBILIDADES, *Home Page*)

A PNL oferece uma compreensão conceitual baseada na maneira concreta na ciência da informação e da computação, fundamentada basicamente no estudo da experiência humana. Tudo o que é dito em PNL pode ser verificado diretamente na sua própria experiência ou na de outras pessoas. (ANDREAS, In: *Usando sua mente*, p.14)

Sendo tratada por seus fundadores como uma nova busca em psicoterapia, a PNL – Programação Neurolinguística – tornou-se mais conhecida a partir dos anos 80. Bandler (1987, p.19) considera que se trata de uma proposta que simboliza uma maneira de examinar o aprendizado humano. Ele reitera sua posição educacional pontuando que ainda que os psicólogos e assistentes sociais usem a PNL em terapias o apropriado é descrevê-la como um processo educacional.

A linguagem é um elemento poderoso na vida do indivíduo e reflete no coletivo quando expressões são generalizadas e tomadas como verdades e na perspectiva da PNL as afirmações são crenças que quando ditas com convicção assumem a autoridade de quem as pronuncia e a mente as aceita como informação real. Nesse caso são consideradas fatos quando na verdade, muitas vezes são apenas crenças. Yero (2008) em seu artigo lembra o seguinte problema que confunde o cérebro:

Afirmações factuais simples, que são unânimes, são frequentemente independentes do contexto. Afirmações de que a neve é branca, a fórmula da água é H₂O, e que Seattle fica ao norte de Los Angeles são verdadeiras no contexto que as pessoas encontram na vida diária. Quanto mais complexa se tornar uma afirmação e menos definidos forem os termos usados na afirmação, menos provável será a afirmação conseguir uma concordância geral. A fim de se chegar a um acordo, as pessoas devem especificar o contexto e negociar a definição dos termos para terem certeza de que significam a mesma coisa para todos. Infelizmente, quando as pessoas pensam em algumas situações onde uma afirmação é verdadeira, elas frequentemente a aceitam como verdade sem mais negociação. É assim que as crenças se tornam instituídas como "fatos". (YERO, 2008)

A confusão é exatamente o que é um fato e o que são crenças. Nesse aspecto a questão psicológica está em jogo, pois crenças não são fatos uma vez que não são representadas logicamente e objetivamente.

Para Bandler e Grinder (1982) quando as pessoas usam a linguagem, elas estão criando um modelo ou representação de sua experiência baseada em sua percepção do mundo. Tais percepções são formadas e limitadas pelo modelo. Percebemos então, que a linguagem exerce uma força modeladora no comportamento dos indivíduos.

O foco que daremos nesse item do trabalho será quanto ao uso da linguagem é para o uso do “não” que de acordo com a PNL deve ser evitado. Ou seja, faremos um recorte no que se refere ao uso da linguagem para enfatizar o uso do “não”.

Sabemos que a linguagem tem como objetivo a comunicação entre os seres vivos e especificamente a linguagem manifestada através dos códigos linguísticos tem por objetivo a comunicação entre os seres humanos e para tanto, quanto mais precisa for, melhor será o resultado dessa comunicação. Sendo assim o que representa a palavra “não” em uma comunicação? “O ‘não’, por si só, não diz nada, logo o cérebro se fixa no que vem depois do ‘não’.” (LORENTZ, 2000). É que a mente para saber em que não pensar precisa primeiramente pensar. Se dissermos não pense em uma pessoa gorda, por exemplo, a imagem que o cérebro primeiro capta é de uma pessoa gorda porque a palavra gorda expressa um fato ou uma crença e a palavra não é vazia nesse sentido de expressar algo.

Um exemplo bem simples é dizer que ‘a blusa não é rosa’. Tente pensar nessa frase. O que você visualiza? Uma blusa cor de rosa. É comum as pessoas dizerem o que não devemos fazer: não beba. Acontece que o cérebro reconhece e grava apenas a palavra beba e isso inverte o resultado esperado. “Beba” será o comando recebido pelo cérebro. De acordo com Lorentz (2000) o fracasso de campanhas que oferecem comandos negativos é exatamente devido a esse processamento do cérebro. Segundo ela, o foco de uma campanha deve ser o objetivo a ser alcançado demonstrado através de um comando afirmativo. No caso acima, poderíamos pensar na possibilidade de uma campanha com o slogan “Mantenha-se sóbrio”. Isso se realmente se espera esse tipo de resultado, porque não sabendo a verdadeira intenção das propagandas ou campanhas publicitárias poderemos nos equivocar ao criticar. Caso a campanha queira apenas parecer interessada em que as pessoas fiquem sóbrias, quando na verdade querem que consumam bebidas, nesse caso a campanha utilizando o comando “Não Beba” obterá sucesso.

É preciso ficar atentos ao uso que fazemos da linguagem para que consigamos atingir nossas metas, assim como para que possamos entender o que está sendo dito verdadeiramente ao nosso cérebro. No caso do uso da linguagem negativa o resultado

obtido será oposto ao resultado esperado. A PNL apresenta um conceito de ressignificação onde uma das propostas é positivar os comandos negativos para lhe conferir o significado positivo esperado. Ser específico ao proferir um comando dá a direção para seu cérebro trabalhar, do contrário poderá confundir os comandos. A idéia é que auxiliemos a mente a mover na direção do que queremos. Um comando direto que a afasta daquilo que não queremos.

Estudos acerca da linguagem humana não param e são muito importantes para a construção de uma sociedade que pretende ser equilibrada. Sob esse aspecto as variadas vertentes de estudo da linguagem, em algum momento irão apresentar pontos de convergência. No item seguinte, a autora propõe uma possibilidade de convergência entre a Lógica de Russell e a Neurolinguística de Bandler, ambos matemáticos.

4 COMO A NEUROLINGUÍSTICA PODE ESTABELEECER RELAÇÃO COM O QUE RUSSELL APRESENTA ACERCA DE FATOS NEGATIVOS

Ao tomar conhecimento da filosofia de Russell, especificamente o tema dos fatos e proposições negativas, leva a uma conexão com a teoria apresentada pela Programação Neurolinguística acerca do *não*. Alguns pontos em comum existem entre um campo de estudo e outro. Vejamos:

Em primeiro lugar os fundadores e teóricos, de uma e de outra teoria, têm como formação básica a matemática, portanto são ligados às ciências exatas sugerindo um movimento que percebe a linguagem em seu aspecto lógico e funcional. Que evite má compreensão e seja objetiva. É interessante perceber o interesse de matemáticos pela linguagem.

Em segundo lugar, nas duas postulações, o objeto de estudo é a linguagem e suas manifestações, embora tenham focos diferentes. Na Lógica apresentada por Russell o foco é a linguagem utilizada para tratar o conhecimento científico nas ciências exatas, na PNL, embora Bandler seja matemático e parte de uma lógica matemática para explicar o comportamento humano, seu foco é subjetivo e educacional, mas o que há em comum é

que ambos tentam estabelecer uma linguagem lógica e clara. Russell tenta estabelecer uma norma para o uso da linguagem nas ciências exatas e a PNL também busca estabelecer uma linguagem lógica e clara, só que para educar o comportamento humano. Na essência das duas postulações está a busca por uma linguagem lógica.

Também nota-se a tendência normativa em ambas as teorias. É dizer o como fazer que pretendem Russell e a PNL. Dar o direcionamento de como usar a linguagem na ciência e no condicionamento do comportamento. Parece um procedimento de raciocínios matemáticos.

Esses dois pontos de convergência já demonstram a possibilidade de um estudo que pretende estabelecer relações entre os dois matemáticos que partiram para as ciências humanas: um para filosofia e outro para a psicologia.

Vamos à tentativa de estabelecer relação entre o uso do ‘não’ entre as duas linhas de pensamento.

Como vimos Russell não fecha a discussão acerca de fatos negativos e proposições negativas. Ele não oferece uma tese final como sendo sua concepção ou posição, mas pelas discussões registradas poderemos estabelecer uma linha de raciocínio que encontre um ponto onde se cruzam.

Quando Russell diz: “Temos um sentimento de que existem apenas fatos positivos, e de que as proposições negativas devem de um outro modo ser expressões de fatos positivos”, podemos estabelecer relação com a Neurolinguística quando essa diz que a mente para saber em que não pensar precisa primeiramente pensar. Ou seja, utilizando o exemplo dado por Russell que foi “Sócrates não está vivo. Precisamos pensar em uma pessoa que se chama Sócrates viva, para depois visualizarmos essa pessoa morta. É mais ou menos como o argumento de Russell de que um fato negativo expressa um fato positivo. Há uma relação muito próxima nesse argumento porque se a mente capta apenas fatos positivos, proposições negativas remetem a proposições positivas.

É importante lembrarmos da diferenciação que Russell faz entre proposições negativas e fatos negativos. Fatos, segundo Russell é o objeto que a linguagem representa enquanto que a linguagem é um objeto linguístico. Para a Neurolinguística, o fato é também uma representação lógica e objetiva de algo no mundo, diferente da linguagem que o representa. Mais um ponto em comum que é a objetividade dos fatos. Se as sentenças apontam para os fatos no mundo, que serve para as duas teorias, elas apontam para algo que possa ser representado e só podemos

representar o positivo.

Outro ponto em comum é que para o filósofo o pensamento não influencia nos fatos, estes são o que são independente de os pensarmos e a Neurolinguística defende que os fatos se diferem de crenças porque estas não são representadas objetivamente. Podemos estabelecer relação entre pensamento e crença, pois ambos são subjetivos e os fatos existem independentemente da subjetividade.

Voltemos à questão do ‘não’. Para pensar em Sócrates não está vivo, o cérebro dará uma volta: 1 – virá a imagem do Sócrates, homem; 2 – essa imagem verá um homem vivo existindo no mundo; 3- verá a imagem desse homem pensado anteriormente agora morto. Nesse processo o cérebro não anula a imagem pelo fato de o homem mencionado não estar vivo. Ele capta a imagem do homem vivo para depois construir a imagem dele morto, mas não consegue formular uma imagem vazia, inexistente. Ainda que o fato negativo – estar morto – encontre representação no mundo, por exemplo, um cadáver, o pensamento encontra algo positivo, como esse cadáver viveu.

A Neurolinguística por estudar comportamentos, leva em conta algumas subjetividades que ultrapassam os estudos propostos por Russell, mas nas questões objetivas e conceituais as relações podem ser estabelecidas como vimos nesse item. Nenhum indício de que o atomismo lógico de Russell tenha influenciado nas pesquisas iniciais da Neurolinguística, portanto, não se pode afirmar que haja uma relação direta de influência embora possamos encontrar pontos em comum.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste ensaio era tentar estabelecer relação entre duas postulações de disciplinas diferentes e teóricos que aparentemente não têm influência direta. Nenhum indício ou indicação de que Russell influenciou as pesquisas de Bandler e Grinder, mas se lembrarmos de que os dois estudaram linguística e comentam sobre lógica é possível pensar em tal influência. De qualquer forma, tal relação foi possível estabelecer no que diz respeito ao significado de “fatos”, acerca das proposições negativas e ainda nas questões lógicas do pensamento com as representações no mundo.

Não se pretendeu fazer julgamento acerca de uma e outra quanto à veracidade do que postulam apenas uma verificação de semelhanças em duas disciplinas que não se comunicam academicamente e que postulam algo em comum. Foi possível constatar tais pontos de convergência o que já satisfiz minhas aspirações iniciais.

O fato de apresentar uma teoria pouco difundida no meio filosófico foi uma experiência prazerosa, pois abrir diálogos interdisciplinares é uma grande oportunidade de ampliar nossas fronteiras acerca das conjecturas existentes e, quem sabe, formularmos novas conjecturas.

6 REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Regina Maria. *Programação Neurolinguística tem seus fundamentos teóricos comprovados em estudo da ECA*. Artigo. Agência USP de notícias., julho de 2008. Disponível em: < <http://www2.usp.br/index.php/sociedade/14890-programacao-neurolinguistica-tem-seus-> > Acesso em: 10 nov. 2009.

_____. *Programação Neurolinguística: transformação e persuasão no metamodelo*. [Dissertação]. Mestrado em Ciências da Comunicação do curso de Jornalismo da USP, 2006. Disponível em: <http://scholar.google.com.br/scholar?cites=6281484843943813753&as_sdt=5&scioldt=0&hl=pt-BR> Acesso em: 10 nov. 2009.

BANDLER, Richard. *Usando sua mente: as coisas que você não sabe que não sabe: programação neurolinguística*. Tradução de Heloisa de Melo Martins Costa. São Paulo: Summus, 1987.

_____; GRINDER, John. *Sapos em príncipes: programação neurolinguística*. Tradução de Maria Sílvia Mourão Netto. São Paulo: Summus, 1982.

JEAN, Georges. *A Escrita: memória dos homens*. Tradução de Lídia da Motta Amaral. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

LORENTZ, Maria Helena. *Porque evitar o "NÃO" e a linguagem negativa*. Artigo publicado na Home Page Golfinho, o portal da PNL no Brasil em 15 de jul. 2000. Disponível em < <http://www.golfinho.com.br/artigospnl/artigosdata.asp> > Acesso em: 23 nov. 2009.

MACHADO, Alexandre. *Negação e proposições da lógica no Tractatus de*

Wittgenstein. Comunicação. *XI Colóquio Conesul de Filosofia das Ciências Formais*, UFSM, 2007 Disponível em: <<http://alexandremachado.50webs.com/pesquisa/comunicacoes/negacao.pdf>> Acesso em 24 nov. 2009.

POSSIBILIDADES. Home Page. Artigo. *PNL - Programação Neurolinguística*. Metodologia sobre mente e inteligência com ampla aplicabilidade. Disponível em:<<http://www.possibilidades.com.br/recursos/pnl.asp>> Acesso em: 23 nov. 2009.

RABELO, Carina. Você é o que você fala. Reportagem. *Revista ISTOÉ independente*. Disponível em <<http://www.terra.com.br/istoe/edicoes/2024/artigo99166-1.htm>> Acesso em: 23 nov. 2009.

RUSSELL, B. *A filosofia do atomismo lógico*. In: Russell, B. Ensaio escolhidos. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

_____. *Os problemas da filosofia*. Tradução de Antônio Sérgio. Coimbra: Armênio Amado, 1941.

_____. *História do pensamento ocidental*. Tradução de Laura Alves e Aurélio Rebello. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

YERO, Judith Loyd. O poder da linguagem. Artigo, 2008. *Golfinho Home Page*. Disponível em <<http://www.golfinho.com.br/artigospnl/artigodomes200806.asp>> Acesso em: 30 nov. 2009.

_____. *Vigie sua linguagem!* Linguagem clara e modelagem simbólica. Artigo, 2001. *Golfinho Home Page*. Disponível em:<<http://www.golfinho.com.br/artigospnl/artigodomes200108.asp>> Acesso em: 30 nov. 2009.